

COLLEEN HOOVER

SEM ESPERANÇA

(Hopeless 2)

Tradução de
Priscila Catão

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2015

Capítulo Um

Meu coração está dizendo para eu simplesmente ir embora. Less já me avisou mais de uma vez que isso não é da minha conta. No entanto, ela não sabe como é ser o irmão de alguém. Não sabe o quanto é difícil ficar quieto e *não* se meter nas coisas. É por isso que, nesse momento, esse filho da mãe é minha prioridade número um.

Deslizo as mãos para dentro dos bolsos de trás da calça e espero que consiga mesmo deixá-las aí. Estou parado atrás do sofá, olhando para ele de cima. Não sei quanto tempo ele vai demorar para perceber que estou aqui. Considerando a maneira como está segurando a garota sentada em cima dele, duvido que perceba logo. Fico atrás dos dois por vários minutos enquanto a festa continua ao redor, e ninguém nem faz ideia de que estou quase surtando. Eu até usaria o celular para ter alguma prova, mas não seria capaz de fazer isso com Less. Ela não precisa ver uma foto do que aconteceu.

— Ei — digo finalmente, sem conseguir ficar em silêncio nem mais um segundo. Se eu tiver que vê-lo apalpando o peito dessa menina mais uma vez, sem um pinga de respeito pelo seu namoro com Less, vou arrancar a porra da mão dele.

Grayson afasta a boca da dela e inclina a cabeça para trás, olhando para cima com a visão desfocada. Vejo o medo surgir em seu rosto no instante em que a ficha cai — quando ele finalmente percebe que a última pessoa que imaginou que viria para a festa realmente está aqui.

— Holder — diz ele, empurrando a garota para o lado. Levanta-se com dificuldade e mal consegue ficar em pé. Olha para mim suplicantemente, apontando para a garota, que agora está ajeitando a saia curtíssima. — Não é... não é o que parece.

Tiro as mãos dos bolsos e cruzo os braços. Agora meu punho está mais perto dele e preciso cerrá-lo, pois sei o quanto seria bom dar um murro em Grayson.

Olho para o chão e inspiro uma vez. E outra vez. E mais uma vez só porque estou adorando vê-lo constrangido. Balanço a cabeça e levanto o olhar de novo até ele.

— Me dê seu celular.

A confusão em seu rosto seria até engraçada se eu não estivesse tão furioso. Ele ri e tenta dar um passo para trás, mas esbarra na mesa de centro. Segura-se, pressionando a mão no vidro, e endireita a postura.

— Pegue o seu próprio celular, porra — murmura ele, sem olhar para mim enquanto dá a volta na mesa. Com calma, ando ao redor do sofá e o interrompo, estendendo a mão.

— Me dê seu celular, Grayson. *Agora*.

Não tenho vantagem física porque somos praticamente do mesmo tamanho. No entanto, a minha raiva com certeza é uma vantagem e Grayson já percebeu isso. Ele dá um passo para trás, o que não é muito inteligente, pois está se aproximando do canto da sala. Mexe no bolso e finalmente tira o celular.

— Que merda você quer com meu celular? — pergunta ele. Tiro-o de suas mãos e disco o número de Less, mas não aperto o botão para discar. Devolvo o aparelho.

— Ligue para ela. Diga que é um canalha e termine tudo.

Grayson olha para o telefone e depois para mim.

— Vá se foder — retruca ele.

Inspiro para me acalmar, alongo o pescoço e estalo o maxilar. Não adianta, continuo sentindo vontade de vê-lo sangrar, então estendo o braço, agarro a gola de sua camisa e o empurro com força contra a parede, prendendo seu pescoço com o antebraço. Lembro a mim mesmo que, se eu der a surra antes de ele fazer a ligação, a calma que mantive nos últimos dez minutos terá sido em vão.

Meus dentes estão cerrados; o maxilar, contraído, e minha pulsação dispara na cabeça. Nunca odiei tanto alguém quanto nesse momento. A intensidade do que eu gostaria de fazer com ele está até *me* assustando.

Olho bem em seus olhos e explico o que vai acontecer nos próximos minutos.

— Grayson — digo entre os dentes cerrados. — A não ser que queira que eu faça o que eu realmente gostaria de fazer com você agora, coloque o telefone no ouvido, ligue para minha irmã e termine tudo. Depois desligue o telefone e nunca mais fale com ela. — Pressiono mais o braço contra seu pescoço, percebendo que seu rosto está mais vermelho do que sua camisa devido à falta de oxigênio.

— Tá bom — murmura ele, tentando se soltar.

Espero Grayson olhar para o telefone e apertar o botão “discar” antes de abaixar o braço e soltar sua camisa. Ele põe o telefone no ouvido e não para de me encarar enquanto esperamos Less atender.

Sei o quanto vai ficar abalada, mas ela não tem nem ideia das coisas que ele faz escondido. Independentemente, de quantas vezes as pessoas contem a verdade para Less, ele sempre arranja uma maneira de voltar para a vida dela.

Mas não dessa vez. Não se eu puder controlar a situação. Não vou mais ficar parado, deixando que ele faça isso com minha irmã.

— Oi — diz Grayson ao telefone. Ele tenta se virar de costas para falar com ela, mas empurro seu ombro contra a parede, fazendo com que se contorça.

— Não, amor — acrescenta, nervosamente. — Estou na casa de Jaxon. — Há uma longa pausa enquanto ele a escuta. — Sei que foi o que disse, mas menti. É por isso que estou ligando. Less... acho que a gente precisa se afastar um pouco.

Balanço a cabeça, indicando que ele precisa deixar claro que é o fim do namoro. Não quero que se afaste um pouco dela. Quero que dê liberdade permanente para minha irmã.

Ele revira os olhos, me mostrando o dedo do meio da outra mão.

— Estou terminando com você — diz ele diretamente. Grayson a deixa falar e fica em silêncio. O fato de não demons-

trar nenhum pingo de remorso prova o quanto ele é um babaca insensível. Minhas mãos tremem e sinto um aperto no peito, pois sei exatamente como Less está nesse momento. Odeio ter que fazer com que isso aconteça, mas ela merece alguém melhor, por mais que não perceba isso.

— Vou desligar — diz ele ao telefone.

Empurro sua cabeça contra a parede mais uma vez e o obri-go a olhar para mim.

— Peça desculpas — digo, baixinho, sem querer que ela me escute. Ele fecha os olhos, suspira e abaixa a cabeça.

— Desculpe, Lesslie. Não queria fazer isso. — Ele afasta o telefone do ouvido e desliga abruptamente. Fica olhando para a tela por vários segundos. — Espero que esteja contente — diz ele, olhando para mim. — Você acabou de partir o coração da sua irmã.

É a última coisa que Grayson me fala. Meu punho bate na sua mandíbula duas vezes e ele cai. Balanço a mão, afasto-me e vou até a saída. Antes mesmo de chegar ao carro, meu telefone vibra no bolso de trás da calça. Atendo sem olhar para a tela.

— Oi — digo, tentando controlar a raiva que deixa minha voz trêmula quando a ouço chorando. — Estou indo, Less. Vai ficar tudo bem, estou indo para casa.

Já se passou um dia inteiro desde que Grayson fez a ligação, mas ainda me sinto culpado, então acrescento três quilômetros a minha corrida noturna para me punir. Não achava que Less fosse ficar tão arrasada ontem à noite. Agora percebo que obrigá-lo a ligar não foi a melhor maneira de resolver a situação, mas não dava para ficar parado e permitir que ele a tratasse tão mal.

O que mais me surpreendeu na reação de Less foi o fato de que sua raiva não estava destinada apenas a Grayson. Foi como se estivesse com raiva de toda a população masculina. Ela

não parava de se referir aos homens como “canalhas desgraçados”, andando de um lado para o outro do quarto, enquanto eu apenas fiquei sentado, observando-a desabafar. Finalmente ela caiu aos prantos, se arrastou para a cama e chorou até pegar no sono. Fiquei deitado sem dormir, sabendo que também tive um papel em seu sofrimento. Passei a noite inteira em seu quarto, em parte porque queria garantir que Less ficaria bem, mas principalmente porque não queria que ela ligasse para Grayson num momento de desespero.

No entanto, ela é mais forte do que pensei. Não tentou ligar para ele nem ontem nem hoje. Não dormiu muito à noite, então foi para o quarto tirar um cochilo antes do almoço. Contudo, de vez em quando paro na frente do seu quarto só para me certificar de que não a estou ouvindo ao telefone, então sei que não tentou ligar para ele. Pelo menos não enquanto eu estava em casa. Na verdade, tenho certeza de que a ligação cruel de ontem à noite era o que ela precisava para finalmente enxergar quem Grayson realmente é.

Tiro os sapatos na porta e vou até a cozinha para encher meu copo de água novamente. É sábado à noite e normalmente eu sairia com Daniel, mas já mandei uma mensagem avisando que hoje vou ficar em casa. Less me fez prometer que eu ficaria aqui, pois ela ainda não queria sair e correr o risco de encontrar Grayson. A sorte dela é ser gente boa, pois não sei quantos garotos de 17 anos abdicariam de uma noite de sábado para assistir a comédias românticas com a irmã inconsolável. Mas, pensando bem, a maioria dos irmãos não tem o que Less e eu temos. Não sei se somos tão próximos por sermos gêmeos. É minha única irmã, então não tenho como comparar. Talvez ela diga que a proteção demais, e talvez até com razão, mas não planejo mudar isso tão cedo. Nem nunca.

Subo a escada, tiro a camisa e abro a porta do banheiro. Ligo o chuveiro, atravesso o corredor e bato na porta dela.

— Vou tomar um banho rápido, pode pedir a pizza?

Encosto a mão na porta e estendo o braço para tirar as meias. Eu me viro, jogo-as no banheiro e bato à porta novamente.

— Less!

Como ela não responde, eu suspiro e olho para o teto. Se estiver ao telefone com ele, vou ficar furioso. Mas, se estiver falando com Grayson, ele provavelmente está dizendo que o fim do namoro foi totalmente culpa minha e *ela* é que vai ficar furiosa. Enxugo as palmas das mãos na bermuda e abro a porta do quarto, preparando-me para ouvir mais um sermão raivoso sobre isso não ser da minha conta.

Ao entrar no quarto, vejo Less deitada e me lembro imediatamente de quando era bem novo. Do momento que me mudou. Que mudou tudo a meu respeito. Tudo a respeito do mundo *ao meu redor*. Meu mundo inteiro deixou de ser um lugar de cores vibrantes e ficou cinza, sem graça. O céu, a grama, as árvores... todas as coisas que eram bonitas perderam seu esplendor no instante em que percebi que era responsável pelo desaparecimento de Hope, nossa melhor amiga.

Nunca olhei para as pessoas da mesma maneira depois daquilo. Nunca olhei para a natureza da mesma maneira. Nunca olhei para meu futuro da mesma maneira. As coisas deixaram de ter um significado, um propósito, uma razão, e simplesmente passaram a ser uma versão fajuta do que a vida *deveria* ser. De repente, meu mundo exuberante transformou-se numa xerox cinza e sem cor.

Assim como os olhos de Less.

Não são seus olhos. Estão abertos, olhando diretamente para mim da posição em que ela está.

Mas não são seus olhos.

A cor dos olhos desapareceu. Essa garota é uma xerox cinza e sem cor da minha irmã.

Da minha Less.

Não consigo me mexer. Fico esperando que ela pisque e ria, curtindo essa porra de pegadinha doentia que está fazendo comigo. Fico esperando meu coração voltar a bater, meus pulmões voltarem a funcionar. Fico esperando conseguir voltar a controlar o próprio corpo, pois não sei quem o está controlando agora. Com certeza não sou *eu*. Fico esperando e esperando e me pergunto quanto tempo ela vai ficar assim. Quanto tempo as pessoas conseguem ficar com os olhos abertos desse jeito? Quanto tempo as pessoas conseguem ficar sem respirar antes que o corpo se contorça por precisar desesperadamente de ar?

Quanto tempo vou ficar parado antes de fazer alguma coisa para *ajudá-la*?

Minhas mãos tocam seu rosto, agarram seu braço, balançam o corpo inteiro até ela ficar nos meus braços e eu a puxar para o meu colo. O frasco vazio de comprimidos cai de sua mão, mas me recuso a olhar para ele. Os olhos continuam sem vida e ela não olha mais para mim, pois a cabeça nas minhas mãos cai para trás toda vez que tento erguê-la.

Ela não se contorce quando grito seu nome e não se retrai quando dou um tapa no seu rosto e não reage quando começo a chorar.

Não faz porra nenhuma.

Nem me diz que vai ficar tudo bem quando o que restava no meu peito é arrancado do meu corpo no instante em que percebo que a melhor parte de mim morreu.

Capítulo Dois

— Você pode procurar a camisa cor-de-rosa e a calça preta com pregas dela? — pergunta minha mãe. Ela mantém os olhos nos documentos em sua frente. O homem da funerária estende o braço e aponta para uma parte do formulário.

— Só mais algumas páginas, Beth — diz ele.

Minha mãe os assina mecanicamente, sem fazer nenhuma pergunta. Ela está tentando manter a compostura até eles irem embora, mas sei que vai cair aos prantos novamente assim que passarem pela porta. Faz apenas 48 horas, mas só de olhar dá para perceber que ela está prestes a reviver tudo mais uma vez.

Eu achava que as pessoas só morriam uma vez. Que só encontraria o corpo morto da minha irmã uma vez. Que só teria que ver uma vez a reação da minha mãe ao descobrir que sua única filha morreu.

Não é só uma vez de jeito nenhum.

Acontece sem parar.

Toda vez que fecho os olhos, vejo o olhar de Less. Toda vez que minha mãe olha para mim, está me vendo contar pela segunda vez que sua filha morreu. Pela terceira vez. Pela milésima vez. Toda vez que respiro ou pisco ou falo, vivencio a morte dela mais uma vez, tudo de novo. Não fico sentado aqui me perguntando se algum dia irei assimilar sua morte. Fico aqui me perguntando quando é que vou parar de vê-la morrer.

— Holder, precisam de uma roupa para ela — repete minha mãe novamente após perceber que não me mexi. — Vá no quarto e pegue a camisa cor-de-rosa de mangas compridas. É a preferida dela, Less gostaria de usá-la.

Minha mãe sabe que, assim como ela, não quero entrar no quarto de Less. Afasto a cadeira da mesa e vou lá para cima.

— Less morreu — murmuro para mim mesmo. — Ela não dá a mínima para a roupa que vai usar.

Paro perto da porta, sabendo que vou ter que vê-la morrer mais uma vez no instante em que a abrir. Não venho nesse quarto desde que a encontrei e não queria entrar aqui *nunca mais* na minha vida.

Entro, fecho a porta e vou até o closet. Faço o máximo possível para não pensar no assunto.

Camisa cor-de-rosa.

Não pense nela.

Mangas longas.

Não pense em como faria de tudo para voltar para a noite do sábado.

Calça preta com pregas.

Não pense em como se odeia para caralho por tê-la desapontado.

Mas penso, sim. Penso nisso e fico magoado e furioso mais uma vez. Agarro um punhado de camisas penduradas no closet e as puxo dos cabides com toda a minha força até caírem no chão. Seguro a parte de cima do vão da porta e fecho os olhos, escutando os barulhos dos cabides vazios balançando-se de um lado para o outro. Tento me concentrar no fato de que estou aqui para pegar duas coisas e ir embora, mas não consigo me mexer. Não consigo parar de reviver o momento em que entrei nesse quarto e a encontrei.

Caio de joelhos no chão, olho para a cama e a vejo morrer mais uma vez.

Sento, encosto na porta do armário e fecho os olhos, permanecendo nessa posição o tempo necessário para perceber que não quero ficar aqui. Eu me viro e mexo nas camisas no chão do closet até encontrar a cor-de-rosa. Olho para as calças penduradas nos cabides e pego a calça preta com pregas. Jogo-a para o lado e começo a me levantar, mas me sento de novo imediatamente ao avistar um caderno grosso de couro na prateleira mais baixa.

Pego-o e o coloco no colo. Encosto-me na parede e fico olhando para a capa. Já vi esse caderno antes. Foi um presente

do papai cerca de três anos atrás, mas Less me disse que não o usava porque sabia que tinha sido um pedido da terapeuta dela. Less odiava fazer terapia, e nunca entendi porque mamãe insistia que ela fizesse. Nós dois fizemos por um tempo depois que nossos pais se separaram, mas parei de ir quando as sessões começaram a interferir no meu treino de futebol do colégio. Mamãe não pareceu se importar com isso, mas Less continuou com as sessões semanais até dois dias atrás... quando suas ações deixaram claro que a terapia não estava exatamente ajudando.

Abro o caderno na primeira página e não fico surpreso ao ver que está em branco. Será que faria alguma diferença se ela tivesse usado o caderno como a terapeuta sugeriu?

Duvido. Não sei o que teria salvado Less de si mesma. Com certeza não seria papel e caneta.

Tiro a caneta do espiral, pressiono a ponta no papel e começo a escrever uma carta para ela. Nem sei por que escrevo. Não sei se ela pode me ver de onde está agora, nem mesmo se está *em algum lugar*, mas caso possa ver isso... quero que saiba como sua decisão egoísta me afetou. O quanto me deixou sem esperança. *Literalmente* sem Hope nem Less. E completamente sozinho. E tão incrivelmente arrependido.

Capítulo Dois e Meio

Less,

Você deixou sua calça jeans bem no meio do quarto. Parece que acabou de tirá-la. É estranho. Por que deixaria sua calça no chão se sabia o que estava prestes a fazer? Por que não colocá-la no cesto de roupa suja? Não pensou no que aconteceria depois que eu a encontrasse e como alguém teria que pegar sua calça e fazer alguma coisa com ela? Bem, eu não vou tirá-la do chão. Nem vou pendurar suas camisas de volta.

Enfim. Estou dentro do seu closet. No chão. Não sei exatamente o que quero dizer para você agora nem o que quero perguntar. É claro que a única pergunta na cabeça de todo mundo é: por que ela fez isso? Mas não vou fazer essa pergunta por dois motivos.

1) Você não pode responder. Está morta.

2) Não sei se realmente me importo com a razão para você ter feito isso. Nada na sua vida justificaria o que fez. E, se estiver vendo mamãe daí, já deve ter percebido isso. Ela está completamente desolada.

Sabe, eu nunca soube o que era ficar realmente desolado. Achei que tínhamos ficado assim depois que perdemos Hope. O que aconteceu com ela com certeza foi trágico para nós, mas o que nós dois sentimos nem se compara ao que você fez mamãe sentir. Está tão incrivelmente desolada que a palavra adquiriu um novo significado. Queria que a palavra só pudesse ser usada em situações como esta. É um absurdo as pessoas poderem usá-la para descrever qualquer outra coisa que não seja o que uma mãe sente após perder um filho. Pois essa é a única situação no mundo inteiro que merece esse termo.

Droga, como estou com saudade de você. Me desculpe mesmo por tê-la desapontado. Me desculpe por não ter conseguido perceber o que realmente estava acontecendo toda vez que você me dizia que estava bem.

Então... Por que, Less? Por que fez isso?

Capítulo Dois e Três Quartos

Less,

Bom, parabéns. Você é bem popular. Não foi só o estacionamento da funerária que ficou cheio; também encheu o estacionamento ao lado e as duas igrejas da rua. São muitos carros.

Mas consegui me controlar, mais por causa de mamãe. Papai parecia quase tão mal quanto ela. O funeral inteiro foi bem estranho. Fiquei me perguntando se as pessoas teriam reagido de outra maneira se você tivesse morrido de alguma causa mais comum, como um acidente de carro. Se não houvesse tido uma overdose proposital (é o termo que mamãe prefere usar), acho que as pessoas teriam se comportado de um modo menos estranho. Parecia que estavam com medo da gente, ou talvez, achassem que overdose proposital é algo contagioso. Falavam nisso como se a gente nem estivesse lá. Tantas pessoas nos encarando e sussurrando e sorrindo com pena. Tudo que queria era tirar mamãe dali e protegê-la porque eu sabia que ela estava revivendo sua morte a cada abraço e a cada lágrima e a cada sorriso.

É claro que não pude deixar de pensar que todo mundo agia daquele jeito por nos culpar do que aconteceu. Dava para perceber o que as pessoas estavam pensando.

Como a família poderia não perceber que isso ia acontecer?

Como não percebiam os sinais?

Que mãe é essa?

Que irmão é esse que não percebe que a própria irmã gêmea está depressiva?

Felizmente, depois que o funeral começou, as pessoas deixaram de prestar atenção na gente para ver os slides. Havia muitas fotos de nós dois. Você estava feliz em todas. Havia muitas fotos de você e seus amigos, e também estava feliz naquelas. Fotos de você com mamãe e papai antes do divórcio; fotos com mamãe e Brian depois que ela casou de novo; fotos de você com papai e Pamela depois que ele casou de novo.

Mas foi só quando a última foto apareceu na tela que eu percebi. Era a foto de nós dois na frente da nossa antiga casa. A que foi tirada uns seis meses depois do desaparecimento de Hope, sabe? Você ainda estava com a pulseira igual à que deu para ela no dia em que ela foi levada. Percebi que você deixou de usá-la há uns dois anos, mas não falei nada. Sei que não gosta de falar sobre ela.

Enfim, a foto. Eu estava com o braço ao redor do seu pescoço e nós dois ríamos e sorriamos para a câmera. É o mesmo sorriso que você deu em todas as outras fotos. Aquilo me fez pensar em todas as fotos suas que já vi; sempre está com aquele mesmo sorriso. Não existe nenhuma foto em que esteja triste. Ou com raiva. Ou inexpressiva. É como se tivesse passado a vida inteira tentando manter essa falsa aparência. Não sei para quem. Talvez estivesse com medo de que a câmera capturasse permanentemente algum sentimento sincero. Porque, convenhamos, você não era feliz o tempo inteiro. E todas aquelas noites em que chorou até dormir? Todas as noites em que precisava que eu a abraçasse enquanto chorava, mas não me dizia de jeito nenhum o que havia de errado? Ninguém com um sorriso sincero choraria daquele jeito. E sei que tinha seus problemas, Less. Sei a vida que tivemos e sei que as coisas que aconteceram nos afetaram de um jeito diferente. Mas como eu deveria saber que era tão grave se você nunca demonstrava isso? Se nunca me contava?

Talvez... e odeio pensar assim. Mas talvez eu não a conhecesse. Achara que a conhecia, mas não é verdade. Acho que realmente não a conhecia. Eu conhecia a garota que chorava à noite. E conhecia a garota que sorria nas fotos. Mas não conhecia a garota que unia aquele sorriso com aquelas lágrimas. Não sei mesmo por que dava aqueles sorrisos falsos, mas chorava lágrimas verdadeiras. Quando um garoto ama uma garota, especialmente a irmã, deveria saber o que a faz sorrir e o que a faz chorar.

Mas eu não sabia. E não sei. Então me desculpe, Less. Desculpe mesmo por ter deixado você fingir que estava bem quando era óbvio que não estava nada bem.

Capítulo Três

— Beth, por que não vai se deitar? — pergunta Brian para minha mãe. — Está exausta. Vá dormir um pouco.

Minha mãe balança a cabeça e continua mexendo a panela, apesar de meu padraсто insistir para ela descansar. Na geladeira tem comida para um exército inteiro, mas ela prefere cozinhar para todos nós só para não precisarmos comer a *comida de condolências*, como chama. Não aguento mais ver frango frito. Parece que é a escolha de todos que vêm deixar comida para a gente. Comi frango frito em todas as refeições desde a manhã depois da morte de Less, que foi quatro dias atrás.

Vou até o fogão, tiro a colher de suas mãos e massajeio seu ombro com a outra mão enquanto mexo. Ela encosta-se em mim e suspira. Não é um suspiro bom. É um suspiro que praticamente diz: “Cansei.”

— Por favor, vá para o sofá. Eu acabo aqui — digo.

Ela faz que sim com a cabeça e vai até a sala de estar distraidamente. Observo da cozinha enquanto ela se senta e encosta a cabeça no sofá, olhando para o teto. Brian senta-se ao seu lado e a puxa para perto. Nem preciso escutá-la para saber que está chorando mais uma vez. Dá para perceber pela maneira como ela amolece o corpo contra o dele e agarra sua camisa.

Desvio o olhar.

— Talvez devesse ficar com a gente, Dean — diz meu pai, encostando-se no balcão. — Só por um tempinho. Talvez seja bom passar um tempo longe daqui.

Ele é a única pessoa que ainda me chama de Dean. As pessoas me chamam de Holder desde os oito anos, mas talvez ele ainda me chame assim por termos o mesmo nome. Só o vejo umas duas vezes por ano, então não me incomodo tanto quando me chama de Dean. Mas continuo odiando esse nome.

Olho para ele e depois para minha mãe, que ainda está abraçando Brian na sala de estar.

— Não posso, pai. Não posso deixá-la. Especialmente agora.

Ele tenta me convencer a morar em Austin desde o divórcio. Mas a verdade é que eu gosto daqui. Não gosto de visitar minha antiga cidade desde que me mudei. Muitas coisas me lembram de Hope quando estou lá.

Mas acho que muitas coisas vão começar a me lembrar de Less aqui também.

— Bem, minha oferta sempre vai ser válida — diz ele. — Sabe disso.

Faço que sim com a cabeça e desligo a boca do fogão.

— Está pronto — digo.

Brian volta para a cozinha com Pam e todos nos sentamos à mesa, mas minha mãe continua na sala de estar, chorando baixinho contra o sofá durante o jantar.

Enquanto me despeço do meu pai e de Pam, Amy para o carro na frente da nossa casa. Ela espera o carro dele sair e segue para a entrada da garagem. Vou até o lado do motorista e abro a porta.

Ela dá um sorriso fraco e vira o visor para baixo, enxugando o rímel embaixo da armação de seus óculos escuros. Escureceu há mais de uma hora, mas ela ainda está de óculos escuros. O que só pode significar que estava chorando.

Não falei muito com ela nos últimos dias, mas não preciso perguntar como está. Ela e Less eram melhores amigas há sete anos. Se tem alguém se sentindo como eu nesse momento, esse alguém é Amy. E nem sei se *eu* estou conseguindo ser forte.

— Cadê o Thomas? — pergunto quando ela sai do carro.

Ela afasta o cabelo louro do rosto com os óculos escuros, ajustando-os no topo da cabeça.

— Está em casa. Teve que ajudar o pai depois do colégio com umas coisas no quintal.

Não sei há quanto tempo os dois namoram, mas sei que estão juntos desde antes de Less e eu nos mudarmos para cá. E nós nos mudamos no quarto ano, então faz tempo.

— Como está sua mãe? — pergunta ela. Assim que termina de falar, balança a cabeça pedindo desculpas. — Desculpe, Holder. Que pergunta idiota. Prometi para mim mesma que não seria uma dessas pessoas.

— Acredite em mim, você não é uma delas — asseguro-lhe. Aponto para trás de mim. — Vai entrar?

Ela assente com a cabeça e olha para a casa, depois para mim.

— Se incomoda se eu for no quarto dela? Tudo bem se não quiser que eu vá lá. É que eu adoraria ficar com umas fotos que ela tem.

— Não, pode ir. — Pela amizade que as duas tinham, Amy tem direito a entrar no quarto tanto quanto eu. Sei que Less ia querer que Amy pegasse tudo que quisesse.

Ela entra comigo na casa e sobe a escada. Percebo que minha mãe não está mais no sofá. Brian finalmente deve tê-la convencido a se deitar. Vou até o topo da escada com Amy, mas estou sem a mínima vontade de entrar no quarto de Less com ela. Aponto a cabeça para o meu quarto.

— Se precisar de algo, estou ali.

Ela inspira fundo, nervosa, e depois expira enquanto faz que sim com a cabeça.

— Obrigada — diz ela, olhando para a porta receosamente.

Amy dá um passo relutante na direção do quarto, então me viro e vou para o meu. Fecho a porta e me sento na cama, pegando o caderno de Less enquanto me encosto na cabeceira. Já escrevi para ela hoje, mas pego a caneta porque não tenho nada melhor para fazer do que escrever novamente. Ou pelo menos não tem mais nada que eu *queira* fazer, pois tudo me faz pensar nela.

Capítulo Três e Meio

Less,

Amy está aqui. Está no seu quarto, mexendo nas suas porcarias.

Será que ela tinha alguma ideia do que você ia fazer? Sei que às vezes as garotas contam para as amigas coisas que não contam para mais ninguém, nem para os irmãos gêmeos. Contou para ela o que realmente sentia? Deu alguma pista? Realmente espero que não, pois isso significaria que ela se sente bastante culpada agora. Ela não merece se sentir culpada pelo que você fez, Less. É sua melhor amiga há sete anos, então acho bom que tenha pensado nisso antes de tomar uma decisão tão egoísta.

Eu me sinto culpado pelo que você fez, mas mereço sentir isso. O irmão tem uma responsabilidade que nem sempre uma melhor amiga tem. Protegê-la era dever meu, não de Amy. Então não é para ela se sentir culpada.

Talvez esse fosse o meu problema. Talvez eu tenha passado tanto tempo tentando protegê-la de Grayson que nunca pensei que na verdade eu precisava protegê-la de você mesma.

H

Escuto uma leve batida na porta, então fecho o caderno e o coloco no criado-mudo. Amy abre a porta e me endireito na cama. Gesticulo para que entre; ela passa pela porta e a fecha. Amy vai até minha cômoda e deixa em cima as fotos que pegou, acariciando a que está no topo. Lágrimas escorrem silenciosamente por suas bochechas.

— Venha aqui — digo, estendendo a mão. Ela aproxima-se de mim, segura minha mão e cai aos prantos no instante em que me olha nos olhos. Continuo puxando-a para frente até ela se deitar e depois a abraço. Amy se encurva contra meu peito, soluçando descontroladamente. Está tremendo tanto que é quase

um choro de uma pessoa desolada, mas, como disse antes, a palavra *desolada* devia ser usada apenas em relação a mães.

Fecho os olhos firmemente e tento não ficar tão abalado quanto Amy, mas é difícil. Consigo me controlar com minha mãe porque ela precisa que eu seja forte. Mas Amy não. Se ela sente o mesmo que eu, só precisa saber que existe alguém igualmente surpreso e inconsolável.

— Shh — digo, acariciando seu cabelo. Sei que ela não quer que eu a console com palavras vazias e comuns. Só precisa de alguém que compreenda o que está sentindo, e talvez eu seja a única pessoa realmente capaz disso. Não falo para ela parar de chorar, pois sei que é impossível. Pressiono a bochecha contra sua cabeça, odiando o fato de que também comecei a chorar. Estava conseguindo me controlar muito bem, mas não dá mais. Continuo abraçando-a, e ela continua me abraçando porque é bom encontrar algum consolo nessa situação tão terrível e solitária.

Escutar o choro de Amy me faz lembrar todas as noites que passei assim com Less. Ela não queria que eu falasse nada nem a ajudasse a parar de chorar. Só queria que eu a abraçasse e a deixasse chorar, mesmo que eu não soubesse por que ela precisava chorar. Estar ao lado de Amy, ajudando-a de uma forma pequena, me deixa com a mesma sensação familiar de que alguém precisa de mim, como eu tinha com Less. Não sinto que alguém precisa de mim desde que minha irmã decidiu que não precisava de *ninguém*.

— Desculpe mesmo — diz Amy, com a voz abafada pela minha camisa.

— Pelo quê?

Ela recobra o fôlego e tenta parar de chorar, mas não adianta e novas lágrimas aparecem.

— Eu devia ter sabido, Holder. Eu não fazia ideia. Era a melhor amiga dela e sinto como se todo mundo me culpasse e... não sei. Talvez tenham razão. Não sei. Talvez eu esteja tão en-

volvida no namoro com o Thomas que deixei de perceber que ela tentava me dizer alguma coisa.

Continuo alisando seu cabelo, identificando-me com todas as palavras que saem de sua boca.

— Eu também. — Suspiro. Enxugo meus olhos úmidos com o dorso da mão. — Sabe, fico tentando identificar algum momento que pudesse ter mudado as coisas. Alguma coisa que eu pudesse ter dito para ela ou coisas que ela pudesse ter dito para mim. Mas, mesmo que desse para voltar no tempo e mudar algo no passado, não sei se o resultado teria sido outro. Você também não sabe. Só Less sabe por que fez o que fez e infelizmente não está aqui para explicar isso para a gente.

Amy solta uma pequena risada, apesar de eu não entender o motivo. Afasta-se um pouco e olha para mim com uma expressão séria.

— Acho bom ela estar feliz por não estar aqui, pois estou com tanta raiva dela, Holder. — Sua tristeza se transforma em mais um soluço e ela leva as mãos aos olhos. — Estou com tanta, tanta raiva por ela não ter desabafado comigo e sinto como se eu só pudesse dizer isso para você — sussurra ela.

Afasto sua mão do rosto e a olho nos olhos, pois não quero que ela ache que a estou julgando por causa desse comentário.

— Não se sinta culpada, Amy. Tá bom?

Ela faz que sim com a cabeça, dá um sorriso compreensivo e olha para as nossas mãos em cima do traveseiro entre nós dois. Ponho a mão em cima da sua e a acaricio com os dedos para tranquilizá-la. Sei como ela se sente e ela sabe como me sinto e é bom ter isso, mesmo que seja apenas por um instante.

Quero agradecer por Amy ter ficado ao lado de Less durante todos esses anos, mas parece inadequado agradecer por isso quando ela sente que fez exatamente o oposto. Em vez disso, fico em silêncio e levo a mão até seu rosto. Não sei se é a importância desse momento ou o fato de sentir que alguém precisa de mim de novo ou se é só porque meu coração e minha

cabeça estão dormentes há tantos dias. Seja lá o que for, há algo presente e ainda não quero parar de sentir isso. Eu me deixo ser totalmente tomado pela sensação enquanto me aproximo lentamente e pressiono meus lábios nos seus.

Não tinha nenhuma intenção de beijá-la. Na verdade, fico achando que vou me afastar a qualquer segundo, mas isso não acontece. Fico achando que ela vai me afastar, mas isso também não acontece. No instante em que minha boca encontra a sua, ela separa os lábios e suspira como se precisasse exatamente disso de mim. Estranhamente, isso me deixa com mais vontade ainda de beijá-la. Beijo-a sabendo que é a melhor amiga da minha irmã. Beijo-a sabendo que ela tem namorado. Beijo-a sabendo que não faria isso com ela em nenhuma outra circunstância, só nesse momento.

Ela sobe a mão pelo meu braço e desliza os dedos por debaixo da manga da minha camisa, percorrendo suavemente os contornos dos músculos. Puxo-a para o meio da cama comigo e nosso beijo fica mais intenso. Quanto mais nos beijamos, mais percebemos que talvez desejo e carência sejam as únicas coisas que minimizem o luto. Ficamos mais impacientes, querendo fazer o possível para nos livrar completamente do luto. Cada carícia de sua mão na minha pele faz com que eu me distancie mais da minha mente e me entregue mais ao momento, então a beijo mais desesperadamente, precisando que ela afaste *por completo* a minha mente da minha vida agora. Minha mão sobe por debaixo de sua camisa e, no instante em que apalpo seu seio, ela geme e enterra as unhas no meu antebraço, arqueando as costas.

Isso com certeza é um *sim* silencioso.

Só consigo pensar em duas coisas enquanto ela começa a tirar minha camisa, e minhas mãos mexem ansiosamente no zíper de sua calça:

- 1) Preciso tirar toda a roupa dela.
- 2) Thomas.

Não costumo pensar em outros caras enquanto estou me agarrando com garotas, mas também não costumo me agarrar com as garotas de *outros* caras. Amy não é minha namorada, mas estou beijando-a mesmo assim. Não sou eu que devia ajudá-la a tirar as roupas, mas estou fazendo isso mesmo assim. Não sou eu que devia colocar a mão dentro de sua calcinha, mas estou fazendo isso mesmo assim.

Eu me afasto de sua boca ao tocar em Amy e fico observando-a gemer e pressionar a cabeça contra o travesseiro. Continuo o que estou fazendo enquanto me estico para o lado e tiro uma camisinha da gaveta com a outra mão. Rasgo a embalagem com os dentes, observando-a atentamente o tempo inteiro. Sei que isso não estaria acontecendo se nós dois estivéssemos pensando direito. Mas não importa, pois estamos pensando a *mesma* coisa. Pelo menos é o que espero.

Sei que é incrível e completamente errado perguntar a uma garota sobre seu namorado quando ela está a trinta segundos de se esquecer completamente dele, mas preciso fazer isso. Não quero que fique ainda mais arrependida do que já vai ficar. Do que *nós dois* vamos ficar.

— Amy? — sussurro. — E o Thomas?

Ela se lamuria, baixinho, continua de olhos fechados e põe as palmas das mãos no meu peito.

— Está na casa dele — murmura ela, sem dar nenhum sinal de que mencioná-lo a deixou com vontade de interromper o que estamos fazendo. — Teve que ajudar o pai com umas coisas no quintal depois do colégio.

Rio por ela ter repetido exatamente a mesma resposta que me deu quando perguntei sobre ele na entrada daqui de casa. Ela abre os olhos e olha para mim, provavelmente confusa por não saber por que ri num momento como esse. Mas ela apenas sorri. Fico contente por ter sorrido, pois já cansei das lágrimas de todo mundo. Cansei mesmo de todas as lágrimas.

E *merda*. Se ela não sente culpa nesse momento, *eu* que não vou sentir de jeito nenhum. Podemos nos arrepender o quanto quisermos depois.

Levo minha boca até a sua bem no instante em que ela arfa. Amy geme bem alto — esquecendo completamente tudo a respeito do namorado. Sua atenção está cem por cento focada no movimento da minha mão, e minha atenção está cem por cento focada em colocar essa camisinha antes que ela comece a pensar no namorado novamente.

Eu me acomodo em cima dela, minha boca na dela, me acomodo dentro dela, aproveitando-me completamente da situação e sabendo o quanto vou me arrepender disso depois. Sabendo o quanto *já* estou me arrependendo.

Mas faço mesmo assim.

Ela está vestida e sentada na beira da cama, colocando os sapatos. Já vesti minha calça jeans e me aproximo da porta do quarto, sem saber o que dizer. Não faço ideia de como nem por que isso acabou de acontecer e, pelo olhar em seu rosto, ela também não. Amy se levanta e vai até a porta, pegando as fotos que tirou do quarto de Less enquanto passa pela minha cômoda. Seguro a porta, sem saber se devo ir atrás dela ou dar um beijo de despedida ou dizer que vou ligar.

Que merda acabei de fazer?

Ela vai até o corredor, para e se vira para mim. Mas não me olha. Fica olhando apenas para as fotos em suas mãos.

— Só vim aqui por causa das fotos, não foi? — pergunta, cautelosamente. Uma expressão de preocupação consome seu rosto e percebo que ela está com medo de que eu ache que o que acabou de acontecer significou mais do que devia.

Quero que ela fique tranquila, pois não vou dizer nada. Ergo seu queixo para que me olhe nos olhos e sorrio.

— Veio aqui por causa das fotos. Só isso, Amy. E Thomas está em casa, ajudando o pai com o quintal.

Ela ri, se é que dá para dizer que foi uma risada, e olha para mim grata. Surge um silêncio constrangedor por um instante e depois ela ri mais uma vez.

— *Nossa*, o que foi isso, hein? — comenta, gesticulando na direção do meu quarto. — A gente não é assim, Holder. Não somos esse tipo de pessoa.

Não somos esse tipo de pessoa. Concorde. Encosto a cabeça na porta e sinto o arrependimento surgir. Não sei o que tomou conta de mim nem por que o fato de ela não ser minha namorada não me impediu de fazer nada. Só consigo pensar em uma desculpa para isso: o que quer que tenha acabado de acontecer entre a gente é uma consequência direta do nosso luto. E o nosso luto é uma consequência direta da decisão egoísta de Less.

— Vamos culpar a Less — digo, meio de brincadeira. — Isso não teria acontecido se ela estivesse aqui.

Amy sorri.

— Pois é — diz ela, estreitando os olhos com um jeito brincalhão. — Que vaca, obrigando a gente a fazer uma coisa dessas. Como se atreve a fazer isso?

Eu rio.

— Não é?

Ela levanta as fotos nas mãos.

— Obrigada por... — Ela olha para as fotos e hesita por um instante, então volta a olhar para mim. — Apenas... obrigada, Holder. Por me escutar.

Respondo ao agradecimento concordando com a cabeça e observo-a descer a escada. Fecho a porta e vou até a cama, pegando o caderno no caminho. Abro-o na carta que estava escrevendo quando Amy entrou no meu quarto uma hora atrás.